

A NOVELA VERMELHA

N.º 7

# Anastácio José

POR  
MÁRIO DOMINGUES



LISBOA — NOVEMBRO DE 1921

Secção Editorial de A BATALHA

Shi

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

# Anastácio José

POR

Mário Domingues

A Novela Vermelha n.º 7

Shi

Anastasio José

por

Mario Domínguez



# Anastácio José

## I

Aquela tempestade que durante o dia se acumulara em nuvens pesadas e plumbeas sôbre o campo extenso desencadeara-se pela noite alta. Anastácio José, campônês de nascença, habituado a advinhar no horisonte vasto as oscilações do tempo, bem o dissera ao abade, quando à tardinha o encontrou numa curva da estrada poeirenta e sinuosa:

—Vamos ter dansa esta noite, sr. abade. Rogue a Deus misericórdia pelas nossas sementeiras.

Já depois dos galos terem erguido o seu clamor metálico na solidão profunda e abafadiça, um trovão formidável rebentou sôbre a aldeia, rolando surdamente pela amplidão do ceu. Anastácio José acordou espantado; abriu os olhos que se encheram da treva opaca que envolvia tudo.

—Aí a temos—murmurou temeroso. E os seus labios ciciaram no silencio pesado, que se seguira ao estampido assustador, uma oração fervorosa a Santa Bárbara.

O Anastácio José, ignorante, analfabeto, criado ao deus dará por prados e penedos receava tudo o que a sua inteligência inculta não compreendesse. Aos desanove anos, apesar de corpulento e fanfarrão, a despeito da celebridade obtida nas rixas truculentas das feiras tumultuosas, o desconhecido infundia-lhe um medo avassalador, que o dominava totalmente. Nunca entrava numa casa onde não houvesse luz que o coração não se lhe oprimisse lamentavelmente. Não era êle, o filho de sua mãe, que passava a horas tenebrosas junto do cemitério, afastado da povoação um quarto de légua. Quando tinha, às vezes, após noite fechada, que ir à vila, distante uma boa hora de caminho, levava sempre o Credo na boca; as pernas vergavam-se-lhe impotentes para caminhar; o seu olhar alucinado via fantasmas na escuridão, lá longe

sôbre a seara mistereriosa; a estrada erma era atravessa, da por lobis-homens, por figuras sinistras que garga lham na sombra e chamavam-no do alto das arvores frondosas, diluidas na escuridão à beira do caminho...

Acordado de subito pela tempestade, Anastácio José aterrorizado, ageitava-se melhor nas miserias palhas que lhe serviam de leito sôbre a terra batida e tapava a cabeça com a velha manta.

No silêncio misterioso que àquela hora pairava sôbre toda a aldeia—uma duzia de casebres esqueleticos, construidos com pedra solta e cobertos de telha vã—grossos pingos, caindo, começaram a cantar uma ladainha monótona no telhado da choupana onde o Anastácio José se abrigava.

Durante um bom pedaço não deu a Natureza sinal violento de si. Embalado na cantilena tristonha da chuva e no ressonar tranqüilo dos velhos tios, que, no compartimento contíguo, dormiam a sono solto, o aldeão adormecera mais calmo, crente de que a tempestade abalara lá para os lados da vila.

De súbito, um sôpro de vento agitou uma velha oliveira que os tios do Anastácio possuíam nos dois palmos de terra comprados à custa de economias e privações. A chuva cessara lentamente e o vento impetuoso entrou a galgar pela escuridão da noite, agitando o arvoredo sombrio e assobiando prolongadamente, como um monstro invisível que, ora nas quebras da estrada e no alto dos morros, ora do cabo da única rua da aldeia e do cimo dos eucaliptos ou dos pinheiros, se entretivesse a clamar tenebrosamente, a abalar o sossêgo das horas mortas...

A tempestade raivosamente, impetuosamente abraçava agora, num abraço de morte, o lugarejo perdido no sopé da montanha. Os relâmpagos rasgavam com fitas de fogo intenso e zizagueante o ceu negro, iluminando num segundo a paizagem toda. Nesse instante de claridade fantástica, apareciam uma arvore remexendo convulsamente a cabeleira sombria ao sabor do vento; a ermida branca no cimo do monte altissimo; um moinho abandonado; o riacho scintilante entre sombras, a casaria da aldeia atarracada, medrosa e humilde, acolhida aos pés da antiga igreja.

Detinha-se, por momentos, o vento clamoroso a tomar o fôlego; depois teimava umas vezes, em voz rouca de gigante agonisando, outras, sibilante e prolongada, quasi sobrenatural.

O trovão voltou a ribombar mais forte e o Anastácio



José ainda mal seguro no sono, abriu de novo os olhos atemorizados, apegando-se à oração. Um cão uivou muito longe, aflitivamente, um uivo terrificante e abafado no ruído da chuva, que caía agora impiedosa, e no sussurro da ventania desaustinada e louca que parecia querer arrancar o casebre pelos alicerces.

Estrondos de cousas que caíam lá fora, de corpos invisíveis que se entrechocavam, de monstros de lenda que lutavam, atravessavam a treva. A chuva incessante lembrava um acompanhamento descompassado duma sinfonia fantástica, em que o vento era canto umas vezes harmónico e murmurante, outras, roufenho e aterrador. Anastácio José escutava involuntariamente, a cabeça entre as roupas, as convulsões trágicas da noite tempestuosa. Aos ruídos formidáveis da Natureza juntavam os animais os seus apêlos aflitivos, mal distintos, envolvidos na onda sinuosa do vento, que os trazia em farrapos até aos ouvidos do camponês. Eram os balidos do rebanho aterrado, agonisante talvez, os latidos da canzoada, o cacarejar dos galináceos ou a voz dos suínos.

Que infernalrazia — pensava consigo o campónio — ia por esses acmpos! E renovava a oração de cada vez que um trovão impiedoso ribombava sôbre a sua cabeça, abalando a terra, ou algum relâmpago penetrava a sua luz violenta pela porta esburacada.

De onde em onde vozes humanas, debeis perante a colera das cousas revolucionadas, ouviam-se vagamente. Eram pedaços de frase, que se sentiam redopiar ao sôpro da tempestade. Durante um segundo interminável um silêncio calmo pesava na treva, como se a um tempo tudo houvera sucumbido. Mas logo rugidora e formidável a ventania soltava o sinal de alarme. E os ruídos e os estampidos do trovão clamoroso misturavam-se em prolongada desordem.

Durou longas horas consecutivas esta revolta indomável da Natureza. De madrugada, num estertor convulso e sinistro o vento expirou; a trovoadade, rolando de serra em serra, perdeu-se no infinito; a chuva abrandou pouco a pouco, chorosa; lamentou-se tristemente, depois tranmudou-se num murmúrio encantador, num cicciar de frases brandas de namorados que conversam—e parou ...

Uma hora mais tarde o sol, irrompendo através das frinchas da porta tósca, desenhouno interior do casebre figuras bizarras, coloridas de oiro e rosa. E o Anastácio José acordou ao som harmonioso e enternecedor das avesitas cantando.

## I I

Estafado, coberto de lama, sentou-se o Anastácio José junto dum portão a descansar. Abriu tristemente o seu sacco de chita vistosa, que trazia preso ao comprido varapau; tirou uma sardinha e um pedaço de pão ressequido—restos dos mantimentos que trouxera —e, pensativo, entrou a comer com vontade.

Havia cêrca duma semana que o campónio abandonara a aldeia e andava errante por estradas intermináveis e atalhos tortuosos em busca da cidade. Durante muito tempo Lisboa seduzira-o como uma mulher misteriosa de belesa deslumbrante que de longe o chamasse e lhe promettesse a felicidade. Quando um viandante raro se demorava um instante a mercar tabaco ou a beber o vinho reconfortante da região, no único estanco da aldeia, Anastácio José massava-o com perguntas ingénuas àcêrca da capital.

Ele fazia de Lisboa uma idea bizarra e imprecisa. A cidade ora lhe aparecia como um vasto campo razo, coberto de casebres toscos de aldeia, ora se lhe afigurava uma vila imensa, plena de ruas sinuosas e muitos mercados e feiras. Havia entanto uma força desconhecida que o prendia, que lhe detinha o passo quando, impellido por uma curiosidade mais forte, desejava tomar o caminho de Lisboa.

Ouvia dizer que nessa Babilónia distante não havia gente pobre. A fortuna entrava pela porta, com facilidade extrema, sem que necessário fosse andar uma pessoa, de sol a sol, agarrada à rabiça do arado ou ao cabo da enxada. Ninguém pensava em cavar... Montava-se uma taberna, depressa afreguezada, e logo a vida, senão a riqueza, quedava assegurada para todo o sempre.

Anastácio José não se atrevia, porém, a tentar resolutamente a aventura. Hesitava, o receio do desconhecido detinha-o, apegava-o à aldeia natal, como um bebé ao peito túmido da ama. Não tinha coragem de abandonar aqueles campos extensos, que tanta vez percorrera arrimado ao arado. A montanha alta, íngreme, que equilibrava no pico a ermida branca—essa ermida pequenina que todos os anos visitava numa ruidosa romaria, acompanhado de moçoilas morenas e sedutoras—parecia-lhe mais bela que a cidade longinqua . . . Depois, ali todos eram amigos prestáveis e parentes próximos; as pedras do caminho, as grandes arvores meigas de sombras acariciadoras; o riosito límpido de águas murmurantes, tudo



o envolvia numa atmosfera tépida de irresistível simpatia, tudo lhe falava a linguagem misteriosa e simbólica da harmonia campestre. E sentia saudades antes de partir.

Quando o sol ridente, após aquela noite tumultuosa de aterradora tempestade, afagou com os raios amenos as suas faces crestadas, Anastácio pôs-se resolutamente de pé. Oprimia-lhe o peito um presentimento sinistro. Temia os funestos efeitos da tormenta passada.

A mêdo assumou à tosca porta do casebre e, ao fitar receoso o campo imenso, os seus olhos de camponês que ama a terra, que sofre com a terra e sonha com a terra, enuvearam-se de lágrimas silenciosas. Tudo quanto na véspera eram plantações harmoniosamente dispostas — aqui um quadrilongo amarelo claro ou um maciço verde azulado; acolá o verde impetuoso e fresco ou a larga extensão da seara que desponta; além a mancha prateada das oliveiras ao sol —; tudo quanto vinte e quatro horas antes constituia um grande tapete de bem casadas cores e revigorava a esperança numa colheita farta, estava profundamente revolvido e mutilado, como se um arado imenso, inconcebível, manejado por monstros pré-históricos tivesse lavrado a terra, sem respeito pelas sementeiras que uma aldeia inteira fizera, suando e cantando.

Ante aquela destruição feroz, Anastácio José sentiu-se desorientado. Alevantando os braços num desesperado gesto, correu para o campo revolvido, enterrando na terra ensopada, as suas botas ferradas. Que desolação! Havia arvores arrancadas pela raiz. O riacho manso que dantes corria lá em baixo graciosamente, era agora uma torrente indomável, cobrindo os campos numa extensão imensa, levando impetuosamente no seu leito revoltado arvores mutiladas, instrumentos agrícola's, destroços e gado morto, que metia dó.

Na torre da igreja tocavam os sinos a rebate. A população da aldeia pedia misericórdia a esse deus cruel que injustamente a castigara. Havia camponios ingênuos que se rojavam desesperadamente pelo chão, ante o altar-mór, rogando perdão para as suas faltas.

Era a fome dura e impiedosa que a todos esperava, a velhos e novos, a mulheres e crianças. Anastácio José, via-se já magro, esquelético, condenado a passar semanas inteiras trabalhando como um escravo, comendo apenas um pedaço de borôa sem conduto.

Fundamentalmente covarde, não se sentia com ânimo para sofrer resignada e silenciosamente, como toda a

a aldeia viria a sofrer. Uma idea insignificante a começo tomou volume no seu cérebro. Ele sabia que os seus braços robustos eram necessários à reconstrução do destruido, que faziam falta aos velhos tios, que mal podiam arrastar-se penosamente pelo pedacito de terra que circundava o casebre onde habitavam. Mas então, êle, com dezanove anos, novo ainda para gozar os prazeres da vida, devia sacrificar-se, suportar sabia-se lá que tormentos, para afinal nunca sair da mesma miséria de sempre?

Deixando os camponeses na igreja, atravessou surra-teiramente a aldeia silente, meio desmoronada e foi-se em direitura a casa. Com extrema cautela abriu de mansinho a velha arca dos tios e revolveu bem no fundo. Tirou para fora um pequeno sacco, agitando-o perto do ouvido. Quinze mil reis em prata, toda a fortuna dos tios, tilintaram. Fê-los desaparecer lestantemente no bolso. Enfiou num sacco de chita algumas roupas usadas. Varapau ao ombrô, ei-lo que toma apressadamente por atalhos pedregosos até lá a baixo, à curva da estrada, fora das vistas da aldeia.

Anastácio José fugia para Lisboa.

### I I I

Já lá vão uns bons anos que o Anastácio José fugiu para Lisboa. Como conseguiu trepar à situação de preponderância invejavel que goza e levará certamente o seu nome plebeu ás paginas da história tragi-cômica da humanidade, nunca se soube com precisão.

Correm sôbre esses vinte anos da sua vida versões inconsistentes, que o tempo vai obscurecendo lentamente. Em 1901 — diz-se — era êle um mção alentado numa taberna tenebrosa ali para os lados da Mouraria. Conta-se tambem, à boca pequena, que certa noite trágica envolveu-se em rixa truculenta com um fadista e, para não perder os créditos de valentão granjeados na terra, assassinou dum golpe o seu adversario. A justiça depois, num gesto magnânimo atirou-o para a Costa de Africa, onde fez fortuna.

A verdadeira história, a que o honra extraordinariamente, começa em 1915, quando Anastácio José, o grande propriçeario, dêsembarcou em Lisboa alegre e sorri-



dente uma grande expressão de felicidade nas faces abolachadas, ornamentadas de suíças, o bigode rapado á ingleza, uma gordura respeitavel.

Anastácio José possuia cntão grandes dominios em S. Tomé. Gózava dum consideração inconparável e dizia aos amigos que se não tinha um titulo nobre era porque não o desejava, porque a nobreza repugnava aos seus principios republicanos, retintamente republicanos.

O commercio da metrópole começou a olhar assombrodo essa intelligente bola de carne que, sempre de bom humor, sempre galhofeira, mandava vir de S. Tomé navios carregos com o *seu* cacau, o *seu* café, o *seu* açúcar e o *sen* coconóte.

Estava a Europa em plena carnificina. Anastácio José, iminentemente patriota, appareceu de súbito a fazer colossais fornecimentos de calçado, de fazendas e de conservas para o brioso exército portugûes que se batia na Flandres. Talvez porque para o Estado, num desinteresse patriótico admirável, fornecesse os seus artigos duas vezes mais caros que para particulares, a imprensa desatou a citar-lhe o nome, sempre acompanhado das honorificas palavras: *grande patrióta, grande portugûes, grande benemérito, grande homem de negócios.*

O povo aprendeu-lhe, em breve, o seu nome que á força de ser vulgar se tornara original — Anastácio José. E o grande patriota, o sorriso constante bem fixo nos lábios grosseiros, exhibia-se em toda a parte: nas *prémieres*, nos beneficios, nas festas de caridade, concorrendo sempre com maquinas formidáveis, o que lhe granjeara os titulos de *grande c ração e amigo dos pobres*; nas redacções dos grandes rotativos dando sentenças, nos cafés discutinde politica. E passaram a considera-lo sensato e criterioso.

Como tratasse toda a gente num tom de chalaça hilariante, distribuindo generoso pancadinhas amigaveis nas costas e nos ombros de cada um, e ainda porque raro era que alguém o procurasse no seu palácio rico das avenidas nóvas que êle não o recebesse em mangas de camisa, brincando alegremente com um chifre de marfim pendente da sua cadeia de oiro—os republicanos entusiasmados chamaram-lhe democrata e êle acreditou que o era.

Os que o não conheciam de perto e ignoravam o seu temperamento folgazão fantasiavam-no carrancudo e déspota. Quando o viam passar no seu automovel veloz, a gordura incomparável ocupando quasi todo o banco estofado, olhavam-no com assombro e murmuravam: «Lá



vai o Anastácio José...» como noutro tempo se ciciava: «Lá vai el-rei...» E afinal Anastácio José era a tradução perfeita do *bon enfant*—«boa criança» grande—sempre sorridente e chocarreiro, a piada pronta e um ar de desinteresse e à vontade em toda a obesidade balofa.

Nos centros de cavaco discutia-se por vezes a sua fortuna colossal. Faziam-se calculos originaes e contas complicadas; mil homens lestos que se metessem a contar, a notas de dez escudos, todos os seus haveres gastariam dois anos nessa tarefa; seria necessário uma semana inteira para que uma centena de carroças plenas de notas de cem escudos transportasse do Terreiro do Paço para a Rotunda, toda a fortuna do Anastácio José.

Os pobres curvavam-se reverentes ante o seu valor, os commerciantes ofereciam-lhe sociedade nos seas melhores negócios e os politicos abriam-lhe as portas dos seus partidos. Pensou-se por várias vezes, em convidá-lo, em ocasiões de crise, para organizar um ministério nacional. Anastácio José nunca aceitou.

—Para quê?— dizia êle. — Um ministro é uma espécie de grande empregado da finança, das forças vivas, do capital, essa grande mola que faz mexer os homens e engrandece as nações. Eu sou capitalista uma força viva, o meu lugar, portanto, não é no *fauteuil* de empregado da nação.

Depois soltava uma das suas risadas alegres, francas e toda a gente lhe achava graça.

Apesar da sua fortuna esmagadora tratava todos com delicadeza e agrado. Era muito socialista no trafo. Amigo de auxiliar os aflitos, nunca recusara dinheiro a ninguém —mediante letra e bom juro, é claro,—porque sendo commerciante não gostava de faltar às praxes da sua prestimosa classe... Tinha aquele feitio, que diabo! Mas a um homem importante como êle, havia que fechar os olhos a certas cousas. Esmoler, nunca negava o seu óbulo, nuuca. Simplesmente a importância da sua dádiva aumentava gradualmente, segundo o numero de pessoas que o viam dar. Perante uma multidão a sua esmola era assombrosa.

Emfim, era o Anastácio José, caramba! Anastácio José, um nome plebeu que se popularisara... Anastácio José era pelo povo e para o povo. Ah! os elogios rasgados que êle tecia entusiasmado ao bom povo português! povo amavel, valente e patriota, amigo dos grandes e dos competentes, ordeiro e generoso, resignado e bom.

Anastácio José, nos seus dias de bom humor, alargava-

va-se em considerações sobre o heroísmo nacional. Vinha à baila a guerra europeia e a atitude sublime do nosso povo que «soube bater-se como nenhum» contra a ambição do kaiser; que «soube defender» a França, a França gloriosa símbolo da Liberdade. Anastácio era francófilo intransigente. «Se não fosse português — exclamava — queria ser francês! Viva a França!» A sua idade é que não lhe permitia meter-se em dansas, senão teria ido bater-se nas trincheiras pela Liberdade e pela Democracia. Estava pesado, porém; teve que resignar-se, ficando por cá a fazer fortuna.

Todo aquele que se recusasse a dar o seu sangue pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade, devia, em sua opinião, ser imediatamente fuzilado; não havia mais contemplanções. Pum! Estava resolvida a questão. E lamentando a profunda desordem a que chegou a democracia portuguesa, exclamava:

— Se tivessem seguido as minhas palavras, se tivessem atirado o sentimentalismo para traz das costas e fuzilassem meia dúzia de agitadores e de grévistas, o problema da ordem pública estava resolvido. Que é que você quer? Bolxevismo? Desordem? Anarquia? Pum! Pum! Pum! E adeus bolxevismo. Ah! Ah! Ah! Já uma pessoa podia trabalhar à sua vontade, progredir, tratar sossegadamente da sua vida...

Deixassem-no trabalhar à vontade e haviam de ver como Anastácio José faria progredir a nação. Ele afinal, bem vistas as cousas, estava-se nas tintas para a balburdia nacional. A's vezes até gostava. Era sempre de dois duma revolução que vendia os seus generos mais caros.

— Façam a desordem, façam — que vocês é que a pagam e quem lucra sou eu.

No meio de toda a loucura política era êle o verdadeiro homem de trabalho, de método e de ordem. A sua fortuna aumentava constantemente.

— Portugal — sentencionava — deve sentir-se honrado de possuir um português como eu!

E de facto Anastácio José causava assombro a todo o país.

Murmurou-se um día — o boato partia dos inimigos da ordem, dos sindicalistas ou dos anarquista — que Anastácio José assambarcara um carregamento de bacalhau e dois de açúcar. Mentira! Anastácio José seria lá capaz de cometer um crime? Nunca! Os jornais republicanos e monarquicos defensores da ordem e das pessoas



honestas, exaltaram a honestidade do «grande amigo da nossa casa», como lhe chamavam.

Anastácio José, o incomparável Anastácio José não assambarcava; limitava-se a exercer honestamente a sua profissão, a negociar. O que é o negócio? E' a arte de vender por dez o que por cinco se compra.

—Então — perguntava êle, no auge da indignação — queriam que eu fosse vender o meu bacalhau, no momento em que o seu preço na praça era mais baixo que quanto me custara? Não, meus amigos, o meu dever de negociante era esperar a alta. Eu não assambarquei, esperei a alta de preço.

«Veem então lá os agitadores com o argumento de que o operariado não pode pagar o bacalhau mais caro. Não ha dinheiro? Que vendam o trabalho mais caro. Se nós os capitalistas pudermos pagar-lho, pagamo-lo, se não podermos, cá nos havemos de arranjar. A gente ainda não fez grêve por êles ganharem mais; êles, os operarios, mal a gente aumenta um tostão num genero qualquer, vão logo para a grêve, para a desordem, para a bomba!

O capitalista e o operario estão em igualdade de circunstâncias. Cada um pede o que entende pela sua mercadoria. Eu já consegui fazer uma fortuna; êles que diabo é possível que ainda venham a fazê-la a vender o seu trabalho. Assim é que eu entendo a Igualdade. Isto é que é doutrina igualitária!»

E batendo no ombro de quem o escutasse uma pancadinha amável, Anastácio José entre gargalhadas estridentes, as suas gargalhadas francas, perguntava:

—Então, é isto filosofia ou não é filosofia? Ah! Ah! Ah! Eu sou mais prático que Krapotkine, mais claro, mais terra à terra... Ah! Ah! Ah!

#### I V

Anastácio José, como uma virgem pálida e diafana de romance encantador, faleceu numa noite de primavera. Anastácio José teve uma morte feliz, nem podia deixar de tê-la. Tinha acabado de jantar, muito alegre, o humor excelente a explodir em frases hilariantes após o champanhe. Entalou entre dentes um charuto caro de aroma inebriante, convidou os amigos a acompanhá-lo



ao jardim para gozar a brisa fresca e macia, embriagando-se com o perfume sensual de flores lindas diluídas na sombra. A noite era estrelada e calma. Anastácio José arrumou numa cadeira de verga a sua gordura soberba; recostou-se bem, suspirando feliz. Os outros amigos acomodando-se também nas cadeiras leves do jardim, conversavam animadamente de politica. A lua ia alta e clara no azul escuro do ceu, espalhando pelas cousas a sua luz frigidissima de neve fina.

Interrogado o grande patriota sôbre uma questão transcendental, não respondeu. Conservou-se quedo, o charuto na boca, a ponta rubra a fulgurar na semi-obscuridade. Os amigos, sempre solícitos, esperaram respeitosos a palavra do mestre — e o mestre não falou. Estranhando o silêncio aproximaram-se suavemente do grande negociante. Dormia. Uma desconfiança sinistra assaltou um deles. Precipitaram-se sôbre Anastácio, palpam-lhe as mãos — estavam geladas.

— Morreu! Morreu o Anastácio José! — exclamou um baixote, levando as mãos nervosas à cabeça desorientada.

Morreu o Anastácio José! Breve a novidade trágica se espalhou por toda a cidade, enchendo-a de assombro incomparável. Ninguém acreditava que esse homem excepcional, esse génio da finança pudesse morrer. Os homens imensamente ricos como Anastácio deviam ser eternos.

Quando a multidão apressada saiu dos teatros, embasbacou perante os *placards* do Rossio, como um selvagem ante um gramofone. Morreu o Anastácio José! Sêria lá possível? No dia seguinte os grandes jornais trajavam de luto e traziam biografias falsas do grande democrata, do amigo dos pobres, da força viva da nação moribunda. Os adjecvos elogiosos à prestimosa figura do comerciante colossal, inimitável, ao fenómeno, enchiam colunas; e povo ávido de sensação procurava afanosamente os grandes rotativos, como nm dias de revolução.

Morreu o Anastácio José! Morreu o Anastácio José!

Oh deus cruel! Oh deus impiedoso! Assim feres mortalmente a tua encarnação?! Assim voltas contra a tua própria imagem o gládio da má sorte?! Anastácio José esa um deus, um verdadeiro, um autentico deus da finança dominadora.

Havia quem evocasse a sua graça luminosa, as suas frases, que passaram muito alto sôbre a cabeça dos hu-

mildes como parabolos de oiro. A nação vestia de luto pesado e o parlamento, após discursos molhados de lagrimas dos deputados que lhe chamavam «a garantia da independência nacional», «o Nuno Alvares do século XX», «o expoente maximo da pujança portuguesa,» decretou feriado geral para o dia do seu funeral grandioso.

Ah, o dia do seu funeral! Manhã cedo já os leprosos, uma legião imensa saída dos *bas-fonds* da cidade, apertava o grande palácio da Avenida Fontes Pereira de Melo num apertado abraço de miséria. Ao meio dia milhares de braços se alevantavam, milhares de braços magros, gangrenados e roxos, deformados e sujos, exalando um cheiro pestilento a dôr, a feridas purulenta, se erguiam nervosos avaros da gorgêta. Imprecações violentas cruzavam-se na atmosfera amena desse dia luminoso de primavera; corpos semi-nus, mal acultos nas roupas remendadas entrechocavam-se com raiva. Era a pobreza negra, a pobreza profissional de Lisboa inteira que caíra em bando, como corvos esfaimados, sôbre as vitualhas ricas que Anastácio José lhe destinava no dia sagrado do seu enterro.

Alterou-se a ordem, impediu-se o transito. De cada vez que o obulo cubiçado desaparecia scelere nas mãos ávidas que se estendiam convulsamente, o mar de cabeças agitava-se como impellido pelo furacão impetuoso, uma imprecação unânime enchia o ar como o ribombar dum trovão formidando.

— Que é aquilo? — perguntavam os curiosos.

— Morreu o Anastácio José! — respondiam-lhes.

E toda a gente quedava assombrada. De onde saíria toda aquela miséria para cubiçar a riqueza? Ah! mas Anastácio José era grande; a sua fortuna faria rico e poderoso cada um daqueles miseráveis!

Foi necessário intervir a ordem, a força armada para enxotar a tiro e à sabrada toda a cambada ululante e nojenta.

Mais tarde, os trens e os automoveis vieram ocupar o lugar da miséria. Eram os poderosos, os grandes commerciantes, os politicos e os ministros que vinham acompanhar o incomparável à sua ultima morada.

Esses não eram enxotados a tiro, eram recebidos com agrado, pelo gerente dos escritórios do falecido, que dirigia os funerais.

Foram rodando as carruagens junto da porta do palácio. Cavalheiros graves, chapéu alto lustroso, a cabeça inclinada ao peso do desgosto, subiam a escadaria



monumental, atravessavam os aposentos forrados de preto tristonho.

Numa vasta sala, as janelas cerradas a velar o sol claro da primavera, a urna de madeira valiosa plena de encrustações de prata permanecia aberta. A um canto, um campónio de jaleca e uma saloia de luto carregado choravam abraçados. Eram os herdeiros do Anastácio, uns herdeiros que o grande homem não conhecia, que vieram a Lisboa a toda a pressa para assistir ao enterro e tratar do testamento. Coitados, choravam muito, choravam couvulsamente...

Um ministro, chegou-se pleno duma seriedade comica à beira da urna. O ventre gordo, inchado pela morte, sobressaindo como montanha altissima, uma grande serenidade no rosto palido, o olho vítrio a espreitar o mundo — esse mundo infinitamente ridículo que o adulara em vida e que o chorava depois de morto — Anastácio José parecia dormir um sôno serêno. O ministro abanou tristemente a sua cabeça grisalha, abeirou-se depois dos parentes do morto, murmurando:

— Que grande desgraça... Que grande desgraça... Então, meus amigos, é preciso coragem...

20 E os campônios ergueram mais alto os seus clamores horripilantes.

Gente, muita gente perpassou junto do corpo inanimado do grande Anastácio José: comerciantes, banqueiros, altos burocratas, artistas, literatos, todo o mundo comediante que precisa viver representando uma vida que não sente; todos os que giram em volta da riqueza, como satélites minúsculos em volta dum astro luminoso.

Chegara à porta do palácio a carreta colossal, a maior carreta que se poderia ter obtido em Lisboa, puxada por inumeras parelhas. Os gatos-pingados, soldaram o caixão. Foi nesse momento que mais ruidosa se tornou a explosão de chôro dos camponêses cubiçosos intimamente alegres por se aproximar a hora de receber a herança. Soluçantes, caíram de joelhos em frente do crucifixo que na parede negra velava o ateu, o democrata com tendências socialistas...

A urna foi levada a custo — que o Anastácio pesava tantas arrobas como a sua fortuna — para a carreta fúnebre. E o cortejo poz-se em marcha lenta para o Alto de S. João.

Era interminavel a fila de automoveis e trens. O povo embasbacava a ver, formava alas a contemplar.

Morreu o Anastácio José!



No cemitério houve orações soberbas. Os melhores oradores de Lisboa proferiram discursos floreados, que arrancaram lágrimas a quem os ouvia.

Morreu o Anastácio José! Que infinita tristeza!

O representante do presidente da Republica, tomou a palavra. Levava o discurso admiravel e o gesto triste bem estudado:

— Portuguezes! — principiou êle. — Depois de Camões, o genio da poesia, só Anastácio José foi a encarnação da nossa raça forte e audás! Anastácio José...

FIM



# A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

## N.º 8- A CIÊNCIA REDENTORA

POR

JOSÉ BENEDY

### PUBLICADO:

- N.º 1 *A Expição* por *Manuel Ribeiro*.
- N.º 2 *Sangue Fidalgo* por *Nogueira de Brito*.
- N.º 3 *Hugo, o pintor* por *Mário Domingues*.
- N.º 4 *Dois Tiros* por *Sobral de Campos*.
- N.º 5 *Impossivei redenção* por *A. Machado*.
- N.º 6 *A Escola Nun'Alvares* por *Cristiano Lima*.
- N.º 7 *Anastácio José* por *Mário Domingues*.

**Colaboradores:** Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

**PREÇO: \$25 CENTAVOS**

Série de 10 números: 2\$50

Shi